

## Questão de atitude

AVISOS. Banheiro para mulheres com cartaz sobre o que fazer em casos de crimes como assédio



Estabelecimentos da região já promovem ações protetivas para as mulheres mesmo antes de virarem lei

BEATRIZ MIRELLE  
beatrizmirelle@dgaabc.com.br

Ir aos bares, casas noturnas, shows ou restaurantes são atividades comuns para poder aproveitar algumas horas da semana com amigos ou familiares, mas, para as mulheres, essa simples ação pode ser extremamente burocrática. A autocensura sobre o tamanho da roupa que vai vestir, a cor do batom que vai passar, a quantidade de bebida ingerida na noite e o horário que vai voltar para casa são tentativas de se sentir protegida em uma única saída de casa. Mesmo assim, o medo do assédio ainda se faz presente em momentos que deveriam ser apenas de diversão.

Como forma de inibir casos de violência contra elas, a lei que obriga bares, restaurantes e casas de eventos a disponibilizarem formas de auxílio para as mulheres entrou em vigor em São Paulo neste mês. Apesar da determinação ser recente, medidas de proteção já são aplicadas em alguns estabelecimentos do Grande ABC há, pelo menos, dois anos. Neles, os proprietários criaram “códigos” de segurança entre público e funcionários.

Segundo a lei nº 17.621, de autoria dos deputados estaduais Coronel Nishikawa (PSL), Marcio Nakashima (PDT) e Damaris Moura (PSDB), as ações de apoio às mulheres devem estar nas dependências do local. A equipe deve ofertar ajuda para levá-la até o carro ou outro meio de transporte e até disponibilizar contato com a polícia. Também é necessário fixar cartazes nos banheiros femininos para informar que esse serviço é oferecido no

local em casos de risco.

“A mulher escolhe com cuidado a roupa que usa no trabalho, para malhar, para ir à festa. É horrível ter que ficar atenta a isso porque estamos sujeitas a algum tipo de assédio ou violência. É essencial medidas protetivas porque, infelizmente, ainda existem pessoas que se acham no direito de nos deixar desconfortáveis”, comenta a supervisora administrativa Juliana Aguiar,

26, moradora do Batistini, em São Bernardo.

A primeira vez que Juliana viu um cartaz que informava que um estabelecimento oferecia apoio às mulheres foi no Grande ABC em 2020. “Essa atitude é muito bonita. Ela dá segurança às mulheres. Às vezes, se você está em um encontro, o cara já acha que você precisa fazer alguma coisa só porque aceitou sair com ele e não é assim”, deta-

lha. No Mundo Livre, na Prestes Maia, em São Bernardo, local onde a Juliana viu o cartaz, o “código” é uma música da Elza Soares. Se a cliente a pede no balcão, os funcionários já sabem como ajudá-la.

“O bar sempre prezou pela diversidade e por ser um lugar acolhedor, de respeito às diferenças. Para uma mulher sair sozinha à noite, já é muito complicado. Fazemos de tudo para que elas se sintam sempre 100% amparadas. Essas

ideias têm que se espalhar”, disse o sócio proprietário Daniel Silva de Caldas, 31.

Desde a fixação da medida, ninguém solicitou o serviço, mas, segundo Daniel, isso deu liberdade entre os clientes e a equipe. “O que aconteceu é das pessoas marcarem os encontros aqui e avisarem a gente. Falam que é com alguém de aplicativo de relacionamento e nos pedem para ficarmos atentos. Qualquer coisa, se ela não se sentir segura, nós damos

apoio.” No Red Show, localizada na Vila Gilda, em Santo André, o sócio-fundador Renato Zacarias, 32, diz que a equipe é treinada para oferecer ajuda se necessário e consultar a polícia ou levá-la à Polícia. Desde 2015, cartazes são fixados nos banheiros femininos do local.

Caso a mulher não se sinta confortável com alguma situação, ela pode pedir a bebida fictícia de nome “La Penha” no balcão. “Nossa ideia foi criar mais um recurso para tentar coibir casos de assédio. Até hoje, ninguém nunca usou o código”, relata Zacarias.

Desde o início da ação, ele conta que o bar recebeu diversas críticas. “Algumas pessoas diziam para abrimos um bar só para mulheres já que, por causa do cartaz, não gostamos de homens”. Falaram que essa era uma estratégia para a mulher sair sem pagar a conta. O lado bom desses comentários desagradáveis é que eles afastam esses tipos de pessoas do bar, garantindo a segurança dos clientes.”

A lei sancionada em São Paulo é inspirada na ação do governo de Barcelona chamada No Callen. Esse protocolo é de combate a casos de assédio e violência em estabelecimentos de lazer. Ela foi criada em 2018 e reativada em 2022, com a reabertura de bares e casas noturnas.



APOIO. Bares e restaurantes de todo Estado de São Paulo são obrigados, agora por lei, a ajudar mulheres que estejam em situação de risco

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Setecidades Pagina: 3